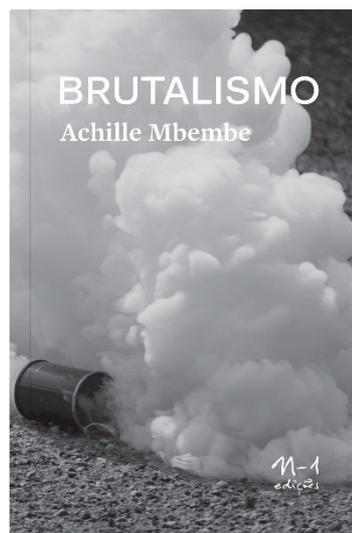


## Brutalismo – fraturamento e fissuração nas perpetuações do poder constituído

RICHARD SANTOS\*

### RESENHA:

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Tradução Sebastião Salgado. São Paulo: 1ª edição; N1 Edições, 2021, 256p.



Em seu mais recente livro lançado no Brasil, o politólogo, Achille Mbembe, descortina os caminhos da manutenção do poder colonial e ampliação desse poder através do planejado desastre ecológico planetário, a crise migratória dos países do Sul para o Norte, a inovação tecnológica reguladora das vidas humanas (?) através dos algoritmos e metaverso, que aliados a renovação do pensamento hegemônico colonialista ocidental são sintomas da crescente redução da vida à matéria bruta, carbonizada em favor do capital e perpetuação do poder colonial.

Em *Brutalismo* (2021), o termo colonialidade perpassa a obra do pensador camaronês sempre em trânsito entre África, Europa e EUA.

Em diálogo constante com suas referências costumeiras e principais, Michel Foucault e Frantz Fanon, Mbembe acrescenta novas referências e atualiza leituras para traçar seu ensaio sobre os destinos da humanidade neste *Devir Negro* do mundo. Ainda que, após a leitura da obra, seja possível perceber a influência de textos seminais como “Os condenados da terra”, Fanon (2005[1961]), e *Discurso sobre o Colonialismo* de Aimé Césaire (2020[1955]), o contemporâneo pensador camaronês, interdisciplinarmente, busca nas armas da

arquitetura

a ideia força para o desenvolvimento de sua obra e concepção da sociedade organizada nesta segunda década do Século XXI, onde vimos os extremismos tomando o poder, perdas de direitos conquistados pós-segunda guerra mundial, e cada vez mais trabalhadores informais, sem ter um teto e alimento digno.

*Brutalismo*, título que tematiza o livro, trata dos “condenados da terra”, e parte do estilo arquitetônico da década de 1950, caracterizado por sua aparência rígida e monolítica e pelo uso em larga escala de concreto vazado. Numa figura de imagem, trata-se de um mundo tecnologicamente avançado, processualmente acelerado, comunicacionalmente dinâmico, mas que habitado por seres humanos diferenciados, uns mais humanos que outros. Alguns com direito à cidadania planetária e outros sem direitos à cidadania comunitária, perdida pelas invasões, dominações e explorações das grandes mineradoras em África, lócus de enunciação do autor, mas realidade vivida também por toda América Latina e Caribe, podemos afirmar.

*Brutalismo* apresenta o que Mbembe descreve como um regime metafísico-político, operando em diversos domínios da vida contemporânea, que facilita a

redução do meio ambiente, das pessoas e até da informação à matéria bruta – a mera matéria que, em seu devido arranjo, compõe o Antropoceno. Dividido em oito capítulos, mais preâmbulo, introdução e conclusão, a obra é uma viril denúncia de como a humanidade tem sido desconfigurada ao bel prazer (lucro) dos interesses financeiros supranacionais. Já no início do ensaio, o autor informa: “Por Brutalismo, refiro-me ao processo pelo qual o poder como força geomórfica agora se constitui, se expressa, se reconfigura, atua e se reproduz por fraturamento e fissuração”. (p.14).

Apresentando as práticas do regime brutalista, Mbembe mostra como seu sistema operacional atua na dissecação do ser, na nadificação dos objetos, mesmo humanos objetos, e podem ser rastreadas em domínios tão variados, mas estruturalmente relacionados, como a colheita de recursos naturais, dados e artefatos culturais africanos.

É significativa a passagem:

São sobretudo as tecnologias digitais que tornam possível a redescoberta desse poder de animação e dessa função psicoprostética. Em consequência disso, o novo animismo se confunde com a razão eletrônica e algorítmica, que é tanto seu meio quanto seu envelope, e até mesmo seu motor. Em termos políticos, esse novo animismo é um emaranhado de paradoxos. Em seu cerne mais profundo se encontram as virtualidades da emancipação. (2021, p.34)

Mbembe aponta a “lobotomia” causada pela redução da participação social das pessoas na política, na rua, e a mediação via redes sociais, dando a sensação de cidadania completa, quando na verdade é a ilusão de uma atuação política que se rege sob o controle dos algoritmos.

### **Corpos fronteiriços**

Ademais, Mbembe também demonstra como o Brutalismo opera através de um procedimento que ele chama de fronteirização, uma tática de poder que envolve o rebaixamento móvel de fronteiras em terra, água e principalmente corpos de humanos (?) indesejáveis.

Mbembe chama a atenção para como, ao dar origem ao corpo-fronteira que marca duplamente as distinções políticas, ao mesmo tempo em que se exclui da legibilidade política – a fronteira promoveu um crescimento sem precedentes nas paisagens carcerárias, onde as pessoas são transformadas em não ser, em matéria bruta a ser extraída.

Efetivamente, podemos reduzir esta passagem no que Mbembe chama de formas de “comunidades negativas”, a dos cativos e a dos fugitivos. Richard Santos (2020) dirá que estes estão alocados nos “Territórios Negros – Campos da Maioria Minorizada. Sobre os corpos negros, a imagem e a remodelação social, Mbembe concebe que: O processo em andamento de desmaterialização, o triunfo da imagem e o surgimento de um nanomundo baseado nos mais diversos tipos de práticas instrumentais foram insuficientes para apagar a matéria. (p.187).

Brutalismo delinea assim os fenômenos específicos que se enquadram no que o autor chama de Devir Negro do Mundo, pelo qual ele significa a extensão do preconceito racial e da pilhagem neocolonial em escala planetária.

### **Percepções inconclusivas**

Nota-se que neste seu novo ensaio Achille Mbembe segue a sequência de seus escritos de uma vida, mas, também de suprimentos intelectuais adquiridos em sua milhagem de voltas pelo mundo, trânsito por diversos continentes e

fronteiras. Se em palestra assistida<sup>1</sup> por este resenhador no *Wits Institute for social and Economic Research – University of the Witwatersrand, WISER*, na África do Sul, o professor que também é membro da Academia Americana de Artes e Ciências, afirmou que Frantz Fanon é sua maior referência que lê-lo e relê-lo é uma prática comum, é possível identificar finos vestígios fanonianos em sua percepção sobre o mundo no espectro neoliberal deste Século XXI. E a tríade fanoniana de análise social entre psicanálise, política e comunicação para a interpretação das relações de poder, também, estão presentes.

Fanon (2005[1961]) registra em “Os condenados da terra” que

Hoje, a independência nacional, a formação nacional nas regiões subdesenvolvidas reveste aspectos totalmente novos. Nessas regiões, salvo algumas realizações espetaculares, os diferentes países apresentam a mesma ausência de infraestrutura. As massas lutam contra a mesma miséria, debatem-se com os mesmos gestos e desenham com seus estômagos reduzidos aquilo que se chamou de geografia da fome. [...] O bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos índios e dos amarelos. Isso, decidimos não esquecer mais. (p. 116,117)

Achille Mbembe nos ajuda a não esquecer e esquadrinha a forma de manutenção do poder, construção de imagem-pensamento sobre as populações não brancas no mundo e sobre o mundo tornado negro tendo por baliza o estado de exceção como norma. Assim ele recupera a imagem-pensamento que é o seu conceito de devir-negro do mundo, apresentado em “Crítica da razão negra” (2014). Informa-nos que existe um

mesmo código-mestre no mundo contemporâneo; a universalização da condição negra. “O devir-negro de uma enorme parcela da humanidade atualmente confrontada com perdas excessivas e com uma profunda síndrome de esgotamento das suas capacidades orgânicas” (2021, p.15).

Ora, se Brutalismo é essencial para compreender as relações do capital e o esquema organizado de redução da qualidade de vida àqueles detentores do capital, construção de signos de pertencimentos materiais para a classe média, e reforço dos estereótipos dos povos africanos viris, exploráveis e “desculturalizados”. É, também, reflexo da vida e constituição intelectual de seu autor pós-África, explico-me: Naquela oportunidade, da palestra acima citada, informou-nos Mbembe que se descobriu negro ao sair de seu país para estudar, quando chegou em Paris, tomou contato com os escritos de Frantz Fanon, ademais, teve a real noção do que as populações negras reclamavam quando chegou aos Estados Unidos da América pela primeira vez. Desde então, vem se debruçando interdisciplinarmente para compreender o processo de poder, dominação e colonização, e apresentar propostas reflexivas de emancipação real destas comunidades.

Desta forma, para melhor entender o pensamento de Achille Mbembe, seu alto nível de aceitação entre acadêmicos, jovens e movimentos sociais, é que acredito ser necessário recorrermos à “África Insubmissa – Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial (2013[2005]), onde trata da marginalização do continente negro como um barco a deriva no plano internacional, a implosão política de suas sociedades, seu declínio econômico e sua estagnação intelectual. Outra obra que dialoga com Brutalismo, para além das já

citadas anteriormente, é Políticas da Inimizade (2017), nesta ele também já prepara o que viria ser seu ensaio atual, analisa o receio das nações ocidentais com a “invasão” de suas fronteiras por sujeitos indesejados, e de como para se protegerem dos instintos de vingança, servem-se do racismo como lâmina afiada, num mundo que ergue fronteiras de arame farpado e em que o estigma de estrangeiro se inscreve a ferro e fogo no cotidiano.

Por fim, caberia ainda citar *Revolutionary suicide* (2009[1973]) do pantera negra Huey P. Newton e *Fight the power – Rap, raza y realidade* (2017[1997]) do rapper, historiador e líder do grupo Public Enemy, um dos mais icônicos grupos de todos os tempos, para que tracemos as realidades vividas, os mundos observados e o pensamento de Mbembe que atinge a um sem-número de pessoas negras pelo SUL do globo terrestre.

Brutalismo é um brutal retrato da realidade destes povos, de nossa sociedade, onde lideranças como Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, entregam todos os recursos naturais e humanos para o “mercado” financeiro internacional, e faz com que este “sistema mundo” nos recolonize sem que gritemos a dor sufocada em nossas gargantas, e como no metaverso fiquemos aprisionados num mundo dominado pelos algoritmos que ditam nossos limites, potencialidades e vida.



\* **RICHARD SANTOS** é Professor adjunto do Centro de Formação em Artes e Comunicação, CFAC, da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB. Pós-doutor em Cultura e Sociedade (Pós-Cult. UFBA). Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos – ELA /UNB.

<sup>i</sup> O "WISER PUBLIC POSITIONS SERIES 2021: FANON AFTER FANON" ocorreu em 07 de abril de 2021.

## Referências

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução Claudio Willer. Ilustração Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. – São Paulo: Veneta, 2020[1955].

CHUCK D – *Fight the power – Rap, raza y realidad. Chuc d con Yusuf Jah – 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta limón-DIAFAR, 2017[1997].*

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005[1961].

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Tradução Marta Lança. Lisboa; 1ª edição, Antígona editores, 2017.

\_\_\_\_\_. Crítica da razão negra. Tradução Marta Lança. Lisboa; 1ª edição, Antígona editores, 2014.

\_\_\_\_\_. África Insubmissa – Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Coleção Releer a história. Coord. Víctor Kajibanga. Tradução Narrativa traçada. Edições Pedagogo; Mangualde, Portugal. Edições Mulemba: Luanda, Angola, 2013 [2005].

NEWTON, Huey P. *Revolutionary suicide*. With J. Herman Blake; introduction by Fredrika Newton. Penguin Classic. New York, 2009 [1973].

SANTOS, Richard. *Maioria Minorizada – um dispositivo analítico de racialidade*. Coleção Pensamento Negro Contemporâneo, org. Richard Santos e Maria do Carmo Rebouças. Rio de Janeiro: editora Telha, 2020.

Recebido em 2022-03-28

Publicado em 2022-04-01